

Jornadas linguísticas em homenagem a Joaquim Barbosa e João Veloso  
 Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
 24 de Fevereiro de 2010

### A sintaxe dos adjectivos graduáveis com expressões de medição

Fernando Martinho  
 Universidade de Aveiro

#### 0-Introdução

A semântica dos adjectivos graduáveis permite separar em dois casos complementares as construções adjectivais com expressões de medição. No primeiro, a interpretação de um adjectivo graduável é uma função da relação entre uma ‘*extensão absoluta*’ e uma entidade de referência. No segundo, o adjectivo graduável é associado a uma ‘*extensão diferencial*’, em que o grau adjectival é comparado a um grau de referência por meio de uma expressão quantificada de valor fixo.

Ora, uma diferença fundamental entre os grupos de línguas aqui analisados — Línguas germânicas e escandinavas e Línguas românicas— é o facto de, no 1º grupo, o adjectivo poder combinar-se livremente com expressões que denotam ‘*extensão absoluta*’ —**2 m** em (1.a)—ou que denotam ‘*extensão diferencial*’ —**5 cm** em (1.b)—, ao passo que, nas Línguas românicas, o adjectivo só pode combinar-se com expressões que denotam ‘*extensão diferencial*’ —(2.b) é gramatical mas (2.a) é agramatical :

- (1) a. John is [**2 m tall**]  
 b. John is [**5 cm taller**] than Mary
- (2) a. \* O João é [**2 m**] alto]  
 b. O João é [**5 cm mais alto**] que a Maria

A denotação da ‘*extensão absoluta*’ está, contudo, parcialmente disponível nas Línguas românicas, quando a expressão quantificada é inserida num PP à direita do núcleo adjectival:

- (3) a. \* O Sol está [**150 milhões de km distante**]  
 b. O Sol está [**distante de 150 milhões de km**]

Os dados anteriores levantam várias questões relevantes para a sintaxe adjectival, como a do movimento aparente do adjectivo relativamente ao MP. Ao contrário de *tall* em (1.a), o adjectivo *distante* encontra-se, em (3.b), à esquerda de *150 milhões de km*, o que sugere a ocorrência de movimento. Mais intrigante é a inserção da preposição *de*, que não parece ser motivada pela grelha argumental do predicado adjectival. Vamos portanto dedicar a nossa reflexão principal a esta questão: como justificar a inserção da preposição

*de* à direita do adjectivo em (3.b)? Relacionado com isto, como dar conta da ordem de palavras e quais os princípios e parâmetros que explicam os aspectos comuns e as diferenças entre estas línguas?

### 1. Construções de MP adjectival

Uma das características da sintaxe das línguas germânicas e escandinavas reside na facilidade com que integram expressões quantificadas no domínio funcional do adjectivo, nomeadamente expressões de medida, habitualmente constituídas por um DP quantificado. Essas ‘*Measure Phrases*’ (MP) manifestam superficialmente adjacência ao núcleo A°, como se vê nos exemplos seguintes de *construções de MP adjectival*. Nestas construções de medição absoluta, em que a interpretação do adjectivo é uma função da relação entre uma ‘*extensão absoluta*’ (de valor fixo, como “dois metros”) e a entidade referida, o sistema adjectival é uma projecção de núcleo final:

#### Construções de MP absoluto (línguas germânicas e escandinavas)

- (4) a. John is [**2 m tall**] (Inglês)
- b. This door is **80 cm wide**
- c. Ei [**200 kroners dyr**] lampe  
uma 200 coroas cara lâmpada (Norueguês)
- d. [**20 grader varmt**] vann  
20 graus quente água
- e. [**100 Tonnen schwer**]  
100 toneladas pesado (Alemão)
- f. [**60 Studentkilometer schnell**]  
60 quilómetros por hora rápido
- g. Der Mann war [**zwei Meter hoch**]  
O homem era dois metros alto
- h. Jan is [**2 boeken rijk**] (Neerlandês)  
Jan é 2 livros rico
- i. Het dorp is [[<sub>MP</sub> **twee kilometer**] **ver**]  
A aldeia é dois quilómetros distante

Nestas línguas, existe um segundo tipo de construção adjectival com MP, em que o mesmo recebe uma leitura relativa ou diferencial: nas construções de *medição diferencial* (ou comparativa), a interpretação do adjectivo graduável é uma função da diferença entre os valores de referência e padrão, medida por uma ‘*extensão diferencial*’ de valor fixo (como “vinte centímetros”).

#### Construções de MP diferencial (línguas germânicas e escandinavas):

- (5) a. John is **20 cm taller** than Mary (Inglês)

- b. John ist **20 cm größer** als Mary (Alemão)
- c. John is **20 cm langer** dan Mary (Neerlandês)
- d. John er **20 cm højere** end Mary (Dinamarquês)
- e. John er **20 cm høyere** enn Mary (Norueguês)
- f. John är **20 cm längre** än Mary (Sueco)

Os dados sugerem que as construções referidas não estão ambas disponíveis para as Línguas românicas. Em primeiro lugar, as construções de MP diferencial, em que o adjectivo aparece na forma comparativa, existem também nas Língua românicas:

**Construções de MP diferencial (línguas românicas)**

- (6) a. O João é **20 cm mais alto** que a Maria (Português)
- b. Jean est **20 cm plus haut** que Marie (Francês)
- c. Juan es **20 cm mas alto** que Maria (Espanhol)
- d. Giovanni è **20 centimetri più alto** di Maria (Italiano)
- e. Ion este **20 cm mai înalt** decât Maria (Romeno)

Se a anterior construção com MP diferencial não levanta dificuldade, em contrapartida, nas línguas Românicas, está sistematicamente vedada a inserção de expressões quantificadas de tipo MP absoluto à esquerda de A. O teor fortemente degradado destes dados mostra que o AP quantificado não comparativo não pode ser de núcleo final.

**Construções de MP absoluto {MP+A} (línguas românicas)**

- (7) a. \* O João é/está [**cem quilos gordo**] (Português)
- b. \* Esta porta é [**80 cm larga**]
- c. \* Um camião [**24 metros comprido**] envolveu-se no desastre
- d. \* Procuo uma mesa de madeira [**45 cm alta**]
- e. \* Este carro é [**10.000 euros caro**]
- f. \* Jean est [ **2m ]haut] (Francês)**
- g. \* Un pont [ **2 km ]long] a été construit**
- h. \* Des murs [**2m épais**] isolent bien
- i. \* Un immeuble [**20 étages haut**] s'est effondré durant le séisme
- j. \* Ma famille est [**20 millions ]riche]**
- k. \* L'uomo era [**due metri] alto] (Italiano)**
- l. \* Maria era [**2 chilometri] lontana] dalla casa.**
- m. \* El cerro es [**mil doscientos metros alto**] (Espanhol)
- n. \* Este hombre es [**80 años viejo**]

Poderia parecer, perante estes factos, que as Línguas românicas não dispõem de meios para saturar a extensão do predicado adjectival com um valor absoluto, como um tamanho, altura, peso, comprimento, etc. Estas línguas revelam, no entanto, uma variante da ‘*construção de MP adjectival*’ absoluta, em que o adjectivo antecede o referido MP absoluto, estando este último inserido num PP introduzido por *de*:

**Construções de MP absoluto {A+de+MP} (línguas românicas)**

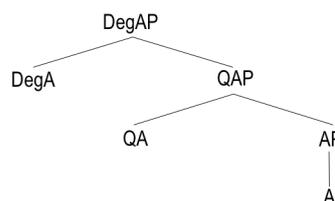
- (8) a. O Sol está [**distante de 150 milhões de km**] (Português)  
 b. Eis o estreito da Formosa, [**extenso de uns 160 quilómetros**]  
 c. A ilha do Sol é [**comprida de 15 km**]  
 d. Uma ponte **alta de 18 metros** foi levada pela enxurrada
- d. Esta ciudad es[**vieja de mil años**] (Espanhol)  
 e. El hombre era [**alto de 1m 90**]
- f. Ce joueur est [**haut de 2m 10**] (Francês)  
 g. Un pont [**long de 2 km**] a été construit  
 h. Ce vin est au moins [**vieux de 5 ans**]  
 i. Des murs [**épais de 2m**] isolent bien  
 j. Une salle [**large de 8m 50**] exige des meubles énormes  
 k. Un immeuble [**haut de 10 étages**] s’est effondré durant le séisme  
 l. Ma famille est [**riche de 20 membres**]
- m. Acest vin este **vechi de 5 ani** (Romeno)  
 n. Un pod **largă de 30 m** căzut

A questão principal que estes dados levantam é pois a da correspondência entre as construções de MP adjectival absoluto nas Línguas germânicas —em que o MP é pré-adjectival— e as construções de MP adjectival absoluto nas Línguas românicas —em que o MP está inserido numa construção preposicional pós-adjectival. Como descrever e justificar a diferença de estrutura exibida superficialmente nestas construções adjectivais, nomeadamente a inserção, na estrutura adjectival de medição absoluta das Línguas românicas, de um item lexical aparentado com a preposição *de*? Será essa preposição justificada por parâmetros relativos à tipologia dessas línguas?

**2. Estrutura interna do AP**

Como sugerido inicialmente por Corver (1991, 1997a, 1997b) para as Línguas germânicas e alargado às Línguas românicas por Martinho (2007), o sintagma adjectival alargado revela existirem várias projecções funcionais internas do AP, entre elas duas posições associadas à quantificação de propriedades e à comparação entre propriedades, sendo essas posições codificadas em sintaxe pelas projecções DegAP e QAP, respectivamente. Indicamos a seguir a estrutura de constituintes do AP alargado:

(9)



Um benefício evidente da hipótese DegAP/QAP é que harmoniza o quadro da sintaxe adjectival nas várias línguas analisadas, como se nota a seguir:

**Hipótese DegAP/QAP**

- (10) a. [DegAP muito [ QAP maior]] (Português)  
 b. [ QAP mais [AP inteligente ]]  
 c. [DegAP inteligentíssimo ]  
 d. [DegAP muito [ QAP mais [AP inteligente ]]]
- (11) a. [DegAP much [ QAP bigger]] (Inglês)  
 b. [ QAP more [AP intelligent ]]  
 c. [DegAP 2 meters DegA [QAP [AP tall ]]]  
 d. [DegAP much [ QAP more [AP intelligent ]]]

Assim, partirei da estrutura funcional dos adjectivos graduáveis resumida em (12) e representada em (9):

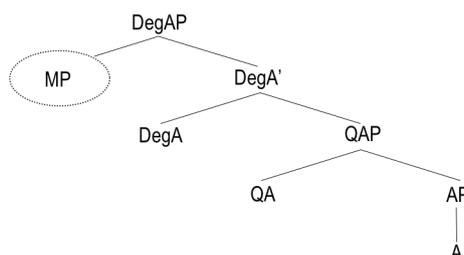
(12) **Estrutura Funcional dos Adjectivos Graduáveis:**

- (a) DegA selecciona como argumento interno QAP  
 (b) QA selecciona como argumento interno AP  
 (c) DegA e QA podem ser ambos vazios quando e se projectados  
 (d) A° verifica os seus morfemas QA° e DegA°

Como podemos verificar, a diferença entre as várias línguas pode reduzir-se na realidade à alínea (12.c), sobre a qual pesa uma restrição parametrizada: em Inglês, os núcleos DegA° e QA° podem ser ambos vazios (o que implica que as expressões de medida em sequências como *2 m tall* são especificadores), ao passo que, em Português, um dos dois núcleos (ou ambos) tem que estar ocupado por material lexical. Essa diferença pode ser directamente imputada à sintaxe e à semântica das expressões de medição adjectivais.

Na perspectiva de (9) e (12), foi também adiantado que os MPs adjectivais são DPs quantificados inseridos em posição de Especificador de DegAP. A hipótese DegAP/QAP coaduna-se satisfatoriamente com a ideia de que os MPs são especificadores de uma das projecções funcionais do sistema adjectival. Sendo o MP uma expressão associada a uma medição da extensão de um predicado adjectival, a sua semântica aproxima-o do conjunto das *expressões DegA*, como *muito*, *bastante*, e contrasta, em contrapartida, com as *expressões comparativas QA*, como *mais*, com as quais pode co-ocorrer livremente. A representação da estrutura postulada em Martinho (2007) é a seguinte:

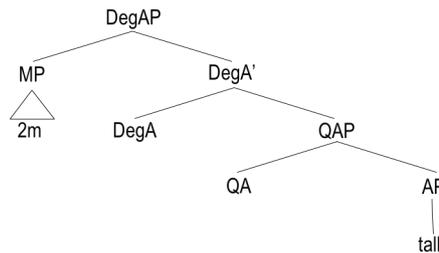
(13) **Posição sintáctica do MP adjectival**



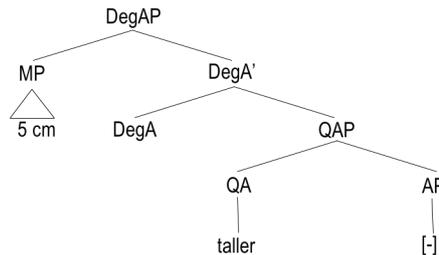
Este indicador assume que o MP adjectival é inserido em [Spec,DegAP]. O MP adjectival é um operador quantificado e aparece, como tal, numa configuração de especificador, marcando um valor para a variável adjectival no seu escopo.

Os dados anteriores justificam-se do seguinte modo: nas línguas germânicas e escandinavas, o MP em [Spec,DegAP] domina o núcleo lexical A°, ou directamente como em (14.a) —caso em que se obtém uma leitura de medição absoluta— ou por meio da projecção funcional QAP em (14.b) —caso em que se obtém uma leitura diferencial/comparativa:

- (14) a. John is [<sub>DegAP</sub>[MP **2 m**] tall] (*medição absoluta*)

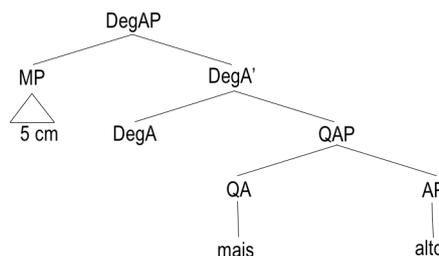


- b. John is [<sub>DegAP</sub>[MP **5 cm**] [<sub>QAP</sub>taller]] than Mary (*medição diferencial/comparativa*)



Nas Línguas românicas, a inserção de um MP implica que o núcleo QA° é lexicalmente preenchido, de forma a permitir a projecção de DegAP e do seu especificador. Trata-se, em rigor, de uma construção comparativa, em que o MP é uma expressão quantificada com uma leitura diferencial, como em (15.b). Não está disponível, nestas línguas, nenhuma construção que denote uma extensão de medição absoluta, como em (15.a):

- (15) a. \* o João é 2 metros alto (~~medição absoluta~~)  
 b. o João é [<sub>DegAP</sub>[MP **5 cm**] [<sub>QAP</sub>mais alto]] (que a Maria) (*medição diferencial*)



Partindo, por um lado, do princípio geral de uma correspondência entre a semântica do adjectivo e a sua sintaxe, e, por outro, da ideia de que os adjectivos graduáveis projectam em sintaxe o seu grau numa configuração de operador / variável, por que razão não disponibilizam as línguas românicas estruturas com MP adjacente a A°, como (15.a) ? Que mecanismo bloqueia em Português expressões de tipo *\*o Pedro é 2 m alto*, na medida em que o quantificador —aqui *2 m*— avalia a escala de intensidade com que a propriedade é atribuída e deveria controlar adequadamente a variável adjectival?

### 3.MP absoluto com *de*

A denotação da ‘*extensão absoluta*’ está, como vimos, parcialmente disponível para os adjectivos graduáveis —adjectivos cuja semântica envolve um acto de medição,—, nas Línguas românicas, quando essa expressão é inserida num PP à direita do núcleo adjectival. O adjectivo encontra-se, nesse caso, à esquerda do MP absoluto e separado do mesmo pela preposição *de*. Apesar desta construção parecer em alguns casos menos boa em Português, surge contudo em todas as Línguas românicas. Vejamos o exemplo de *velho* em Português (Europeu e Brasileiro) e outros exemplos nas demais línguas:

- (16) a. É um debate [já **velho** de muitos anos] (Português)  
 b. O actual estado do piso é bem pior do que o antigo tapete verde, [**velho** de vinte anos]  
 c. O Cairo é uma cidade que nunca dorme, ele é um megalópolis [**velho** de 5000 anos] que estica às pirâmides  
 d. Queria eu dizer, excelentíssima senhora, que o juízo em mim, [**velho** de cinquenta anos], não se recomenda, lastima-se<sup>1</sup>  
 e. O que é melhorzinho em «Noiva Procura-se» é descaradamente roubado a um filme [**velho** de 75 anos]  
 f. Será que o corrimão da escada, [**velho** de trezentos anos], guarda a lembrança da mão de Baudelaire?  
 g. O Brasil das cartas da professora, embora [**velho** de 120 anos], é atualíssimo  
 h. Em verdade é um assunto que, de certa forma, pode-se considerar [**velho** de alguns anos]
- (17) a. Pensaba en él, cuando, [ya **viejo** de ochenta años], regresa a su casa (Espanhol)  
 b. Este creador a la vez [**viejo** de mil años] y conmovedoramente infantil  
 c. Un jabón [**viejo** de 3.000 años] realizado según las tradiciones ancestrales  
 d. Un hombre [**alto** de casi dos metros]  
 e. Un montículo cónico [**alto** de cuatro metros] domina el complejo  
 f. El cerro de Tucuragua, [**alto** de mil doscientos metros]
- 18) a. Jean est [**haut** de 2m] (Francês)  
 b. Un pont [**long** de 2 km] a été construit  
 c. Ce vin est au moins [**vieux** de 5 ans]  
 d. Des murs [**épais** de 2m] isolent bien

Embora a não generalização da ‘*construção de MP adjectival*’ a todos os adjectivos graduáveis represente um desafio e apesar de, em Português, se tratar de uma construção menos produtiva que nas outras Línguas românicas, vamos defender que o grau adjectival

<sup>1</sup> Camilo Castelo Branco, “Gracejos que matam”, in *Novelas do Minho*, Tomo II.

envolvendo expressões quantificadas absolutas se pode manifestar pela presença de um PP pós-adjectival contendo o MP, invertendo a construção pré-adjectival típica das línguas Germânicas. Fica assim postulada a equivalência entre as sequências {MP-A} e {A-de-MP}.

Note-se que a inserção de *de* só é possível em construções de medição absoluta, sendo, em contrapartida, em Português, vedada em construções de medição diferencial:

- (19) a. O João é **alto** \*(de) 2m (medição absoluta)  
 b. O João é mais **alto** (\*de) 5 cm que a Maria (medição diferencial)

Outra observação prende-se com o lugar ocupado por *de*. Se a estrutura da expressão adjectival for aquela que é sugerida em (20.a), levanta-se a questão de saber qual a posição de *de* em (20.b):

- (20) a. Afinal, o asteróide está [<sub>DegAP</sub>[<sub>MP</sub>5 milhões de km] [<sub>QAP</sub>mais [<sub>AP</sub>distante]]] do que se pensava  
 b. Um asteróide [<sub>distante</sub> [<sub>? de</sub> [<sub>MP</sub>55 milhões de km]]] foi identificado

Na verdade, deveria ser possível dar conta da posição de *de* —assim como da sua ausência nas construções comparativas— no quadro teórico traçado anteriormente. Vamos, pois, examinar a possibilidade de a construção {A-de-MP} se enquadrar na estrutura interna da projecção adjectival alargada. A inserção da preposição *de* entre o adjectivo e o MP pode assim ser explicada na condição de se aceitar que essa preposição é na realidade um *spell-out* de DegA°.

#### 4. Inversão do predicado

A inversão das sequências {MP-A} / {A-de-MP} pode ser vantajosamente comparada com as ‘*construções de inversão do predicado*’ (CIP), de den Dikken (1998). Defendemos que estas construções, do tipo *o idiota do rapaz*, têm algo em comum com as ‘*construções de MP adjectival*’ (CMPA), aqui vistas, do tipo *comprida de 15 km*. Vejamos em primeiro lugar uma breve apresentação das CIP e, de seguida, alguns dados cruzados.

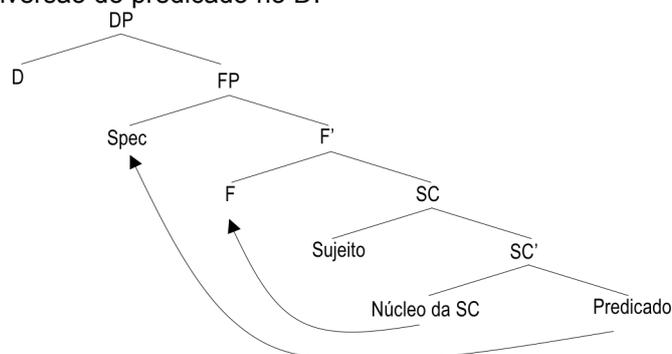
##### 4.1. Cópula nominal ‘de’

A CIP envolve o movimento do adjectivo e a inserção no DP de uma oração pequena (SC). O predicado adjectival passa pela posição de Sujeito da oração pequena e termina na posição de Especificador de uma projecção funcional que den Dikken simboliza como FP, ela própria seleccionada por Det. Nesta análise, extensível às Línguas românicas, o elemento *de* (*of* em Inglês) corresponde a uma ‘*cópula nominal*’ e resulta da subida e posterior incorporação do núcleo da oração pequena no núcleo F°. Trata-se do equivalente nominal do verbo copulativo *ser*, que aparece obrigatoriamente nas construções de inversão de predicado a nível frásico —os casos clássicos de orações pequenas. Vejamos os exemplos seguintes:

- (21) a. I consider the most idiot **to be** John (Oração pequena frásica)  
 b. I just met that idiot **of** John (Oração pequena nominal)

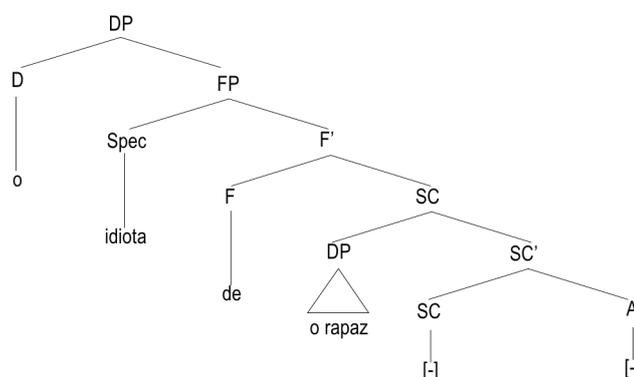
Como se vê, o paralelo entre as duas construções favorece a hipótese de que *of* corresponde a uma partícula copulativa, cuja presença só se manifesta quando o predicado *idiot* sobe na estrutura interna do DP, excluindo nessa hipótese a possibilidade de *of* se relacionar com atribuição de caso a *John*. Deixamos a seguir um indicador simplificado da inversão do predicado no DP, na linha de Dikken (1998):

(22) Construções de inversão do predicado no DP



Em (22), o predicado e o seu argumento externo (sujeito) formam uma SC cujo núcleo, soletrado ‘de’, sobe para um núcleo funcional F<sup>o</sup>, o que legitima, por seu lado, a subida do predicado para [Spec-FP]. A representação de “*o idiota do rapaz*” seria pois a seguinte:

23



A nossa hipótese é que, também no AP, o elemento soletrado *de* corresponde a um núcleo funcional. Vejamos os argumentos.

#### 4.2. CIP vs CMPA

Uma primeira observação é que ambas as construções CIP e CMPA envolvem uma forma de quantificação apta a referir um grau absoluto. Assim, a CIP em (24.a) equivale a uma construção de grau positivo, que o elemento DegA em (24.b) e a construção exclamativa em (24.c) confirmam:

- (24) a. o idiota do rapaz (= o rapaz é idiota)  
 b. o rapaz é **muito** idiota  
 c. **que** idiota! (=muito)

Do mesmo modo, a CMPA em (25.a) equivale ao grau extremo (25.b), que a exclamativa, de novo, vem confirmar. Esta leitura é tanto mais natural quanto os adjectivos que seleccionam MP como **15 km** são antónimos polares positivos, predicados esses que têm justamente a capacidade de forçar uma leitura positiva extrema:

- (25) a. X é comprido de 15 km  
 b. X é  **muito**  comprido  
 c.  **que**  comprido! (=muito)

Em segundo lugar, nem a CIP nem a CMPA admitem a inserção de um possessivo, o que indica que o item  **de**  não corresponde a uma marcação de caso. Ao contrário de (26.c), em que o possessivo  **seu**  e o PP { **de** +NP} são equivalentes,  **de**  não pode, nos outros exemplos, seleccionar um DP/MP ao qual atribua caso:

- (26) a. \* o seu idiota (seu = do rapaz)  
 b. \* a sua ilha comprida (sua = de 15 km)  
 c. o seu livro (seu = do João)

Vejamos ainda estes contextos, em que  **de**  também não é uma preposição genitiva:

- (27) (*Contexto: Balena é uma ilha que tem uma largura máxima de 15 km, e dispõe de uma única estrada de terra*)  
 a. os 15 km de comprimento de Balena percorrem-se em duas horas  
 b. os seus 15 km de comprimento percorrem-se em duas horas  
 c. \* os seus 15 km de Balena percorrem-se em duas horas
- (28) (*Contexto: O João joga basquetebol e tem 2 m de altura*)  
 a. os 2 m metros de altura do João dão muito jeito à equipa  
 b. os seus 2 m de altura dão muito jeito à equipa  
 c. \* os seus 2 m do João dão muito jeito à equipa

A agramaticalidade de (c) nestes paradigmas demonstra que o termo de escala ( **altura, comprimento** ) não pode ser possessivizado, ao contrário do nome próprio, que é o sujeito temático. A impossibilidade de substituir  **de**  por um possessivo confirma que não se trata de uma preposição canónica e que a sua inserção na estrutura deve corresponder a uma posição funcional.

Em terceiro lugar, tanto a CIP como a CMPA são incompatíveis com quantificadores adjectivais explícitos, assim como com superlativos:

- (29) a. \* o  **muito**  idiota do rapaz  
 b. \* a ilha  **muito**  comprida de 15 km  
 c. \* que  **muito**  comprida!  
 d. \* a ilha  **mais**  comprida de 15 km (*superlativo*)  
 e. \* o  **mais**  idiota do rapaz (*superlativo*)

Tal resultado não deve surpreender se partirmos do princípio que ambas as construções já são quantificadas, pelo que a inserção de um item quantificador é redundante.

Em quarto lugar, nenhuma das construções em análise admite a elipse do adjectivo, mesmo em contexto favoráveis, como a coordenação e outras estruturas simétricas aptas a

dispensar o adjectivo. A proibição de elipsar o adjectivo na CIP e na CMPA indica pois que não se trata de um constituinte visível para a sintaxe da elipse:

- (30) a. \* Estive com o **idiota** do João e o [e] do Paulo ([e]=idiota)  
 b. \* Balena é **comprida** de 15 km e Yaoré é [e] de 18 km ([e]=comprida)

A conclusão de que a CMPA não é um constituinte sintagmático pode também ser comprovada pelo facto de nem o MP nem o A poderem ser deslocados para o início da frase. Como seria de prever, também a CIP não é um constituinte sintagmático, pelas mesmas razões (32):

- (31) a. \* **De 15 km**, Balena é comprida  
 b. \* **Comprida**, Balena é de 15 km  
 c. **Comprida de 15 km**, Balena situa-se...

- (32) a. \* **Do rapaz**, detesto o idiota  
 b. **O idiota do rapaz**, tenho pena dele

Parece existir, nestes casos, uma adjacência rígida entre os elementos envolvidos. No caso da CMPA, tal restrição pode ser devidamente captada no quadro da sintaxe da categoria funcional DegAP: a sequência {de+MP} não pode ser extraída para fora do AP porque *de* e MP estão, respectivamente, no núcleo e especificador de DegAP. O adjectivo pode mover-se, mas não sem o seu argumento de medição, na medida em que passa obrigatoriamente pelo núcleo DegA<sup>o</sup> na sua subida. Esta observação encontra confirmação independente no facto de não ser possível submeter os constituintes internos destas construções à interrogação. Não se pode interrogar sobre A ou sobre MP, nem, no caso da CIP, sobre o DP:

- (33) a. \*Quantos km é a ilha comprida de [e]? —15 km  
 b. \*O que é que a ilha é [e] de 15 km? —comprida
- (34) \* Que rapaz é o idiota do? —o João

Em quinto e último lugar, é de salientar que o MP seleccionado pelo A nas CMPA não pode ser um nome simples (*mero nome*), ou seja, não pode limitar-se à unidade de medida correspondendo ao predicado adjectival. De facto, como em (35), a ausência de uma quantidade explícita é agramatical porque corresponde à ausência do MP, ficando a leitura absoluta, nessa hipótese, comprometida. A mesma observação é válida para a CIP, já que, como se vê em (36), o N não pode ser indefinido nem um nome simples — incluindo plurais simples (*meros plurais*):

- (35) a. \* Balena é **comprida de quilómetro(s)** (=tem vários km)  
 b. \* A mesa é **alta de centímetros** (=tem alguns cm)
- (36) a. \* o idiota de **um rapaz**  
 b. \* o idiota de **rapaz**  
 c. \* os idiotas de **rapazes** (cf. são rapazes idiotas)

#### 4.3. O linker adjectival *de*

Os dados anteriores confirmam, pensamos, que a CMPA absoluta corresponde basicamente a um caso de inversão do predicado envolvendo quantificação, na linha da proposta inicial sobre a CIP no DP de den Dikken (1998). A “preposição” *de* —den Dikken propõe o termo “linker” para substituir “preposição”— aparece, nestas construções adjectivais, como um elemento de mediação entre o predicado adjectival e o seu argumento quantificado, não podendo, como tal, ser interpretada como uma preposição canónica dedicada à atribuição de caso. Mais precisamente, *de* deve ser considerado um item funcional, semanticamente nulo, cuja única função é viabilizar a inserção do MP quantificado na derivação.

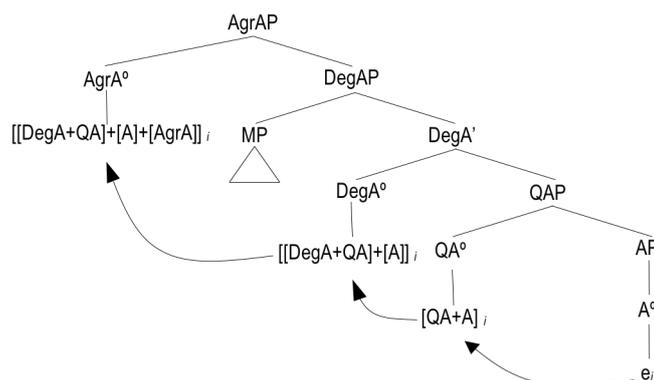
Estas construções adjectivais, apesar de corresponderem a uma inversão da ordem dos constituintes relativamente às Línguas germânicas e escandinavas, não envolvem contudo nenhuma oração pequena: a ordem relativa entre A e MP depende da estrutura interna do AP, concretamente do tipo e ordenação das categorias funcionais adjectivais, não sendo o movimento do predicado motivado por uma expressão quantificada, mas por necessidade de verificar a sua flexão acima de DegAP (cf. Martinho 2007). Nesta hipótese, a projecção funcional FP, invocada acima da oração pequena na CIP, equivale, no caso da inversão interna ao AP, à projecção funcional DegAP, sendo o ‘linker’ *de* um dos *spell-outs* do núcleo DegA°, inserido por *Compor* na sua posição básica. A falta de uma oração pequena no domínio adjectival não invalida, contudo, a subida do predicado, cujo movimento é independentemente despoletado pela atracção de outra projecção funcional alta, AgrAP.

A relação de configuração entre os núcleos funcionais QA° e DegA° e o adjectivo, proposta em (9), determina a subida do mesmo para o seu domínio funcional, de forma a verificar os seus traços não interpretáveis. Este movimento pode ser descrito com base na Morfologia Distribuída —cf. Halle & Marantz (1993, 1994)—, mais precisamente com base na operação ‘*Morphological Merger*’ (*Composição Morfológica*), que consiste em combinar unidades morfológicas numa nova unidade na componente fonológica. Ora, o adjectivo manifesta várias situações típicas de composição morfológica, como o comparativo sintético (*melhor*), o superlativo sintético (*gravíssimo*) e, obviamente, os traços morfológicos de número e género. A operação de ‘*Composição morfológica*’ parece pois pacífica na sua aplicação à morfologia adjectival e é extensível à sequência de núcleos internos ao AP, que são reordenados numa unidade morfológica única na interface com a componente fonológica.

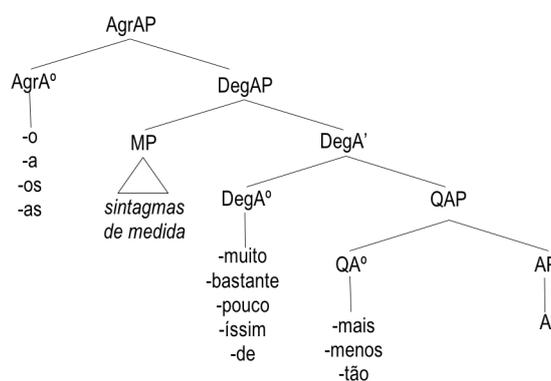
O seguinte indicador sintagmático resume as generalizações anteriores, contemplando ainda a projecção funcional AgrAP, dedicada à verificação dos traços morfológicos do adjectivo (cf. Martinho 2007):

(37) **Estrutura interna do AP em Português**

a.



b.

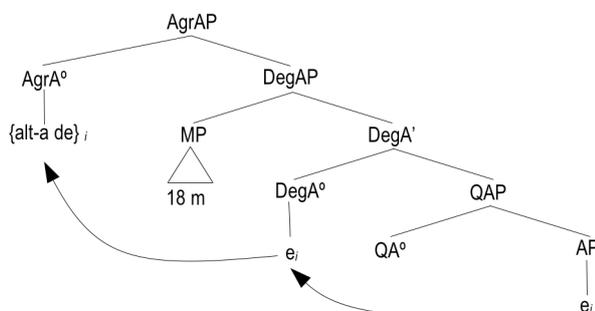


Quando um MP absoluto como *dois metros* é inserido em especificador de DegAP, o adjetivo sobe na estrutura para verificar essa medição, incorporando de passagem com *de* em DegA°, originando *alto de dois metros*. Nas línguas em que *de* (ou o seu equivalente) não está disponível, caso das Línguas germânicas e escandinavas, o adjetivo não verifica DegA° (nem possivelmente AgrA°), subindo no máximo até QA°, pelo que o seu sintagma adjectival é de núcleo final, como em *2m tall / 5cm taller*

Dados iniciais como (38.a), podem pois ser representados como em (38.b):

38 a. Uma ponte **alta de 18 metros** foi destruída pela enxurrada

b.



Os dados expostos confirmam, pois, que a CMPA corresponde a uma construção em que *de* é um 'linker' funcional associado à sintaxe de medição entre o predicado

adjectival graduável e o seu MP absoluto. A natureza funcional do **de** nas construções de medição adjectival está relacionada com o facto de este item ocupar a posição [Núcleo, DegAP]. Mais precisamente, **de** é um dos *spell-outs* do núcleo DegA°, um item funcional cuja função é projectar DegAP, de forma a viabilizar o MP absoluto na derivação. O *linker de* é verificado e incorporado por *Composição morfológica* no adjectivo quando este se move para verificar os seus traços funcionais até AgrAP.

Como elemento de ligação entre a expressão de medição e o predicado adjectival, **de** é um item funcional interno ao AP e pertence, em Português e nas Línguas românicas, ao conjunto de *itens DegA*.

### 5. Quantificação adjectival em *de*

Que legitimidade haverá em associar construções envolvendo **de** a expressões adjectivais quantificadas? As Línguas românicas fornecem outros dados convincentes a favor da hipótese do *linker de* ligado à quantificação adjectival, nomeadamente os casos de quantificação não absoluta sem inversão do predicado. Os casos seguintes em Francês, Espanhol, Português e Romeno ilustram a quantificação adjectival em **de** sem movimento do adjectivo :

- (39) a. une pizza **de** chaude (Francês)  
       *'uma pizza bem quente'*
- b. Il y a beaucoup **de** joli dans ces textes  
       *'há muita coisa linda nesses textos'*
- c. Pierre a beaucoup **de** méchant  
       *'Pierre é bastante mau'*
- (40) a. Pablo es así **de** alto (Espanhol)  
       b. Me la imagino mucho **de** grande  
       c. Hay mucho **de** bonito en todo esto  
       d. Vi un escarabajo así **de** grande  
       e. Estamos muy orgullosos de tener una playa así **de** bonita  
       f. Eres **de** fuerte! (=como és forte!)  
       g. Como es **de** caro este coche!
- (41) a. O João chorou **de** contente (=por estar muito contente) (Português Europeu)  
       b. O seguro morreu **de** velho (=muito velho)  
       c. A maçã caiu **de** madura (=porque estava demasiado madura)  
       d. o João tem muito **de** estúpido  
       e. Morrer pela Pátria não tem nada **de** doce e, muitas vezes, tem pouco **de** honroso  
       f. O jogo tem bastante **de** sanguinário e profano  
       g. A blogosfera tem muito **de** mau, mas tem bastante **de** bom  
       h. Esse tipo de discussão tem muito **de** emocional
- (42) a. Ainda há muito **de** feio no mundo (Português do Brasil)

b. Será bom levar um pouco **de** bonito para a região sul

- (43) a. Cît **de** frumoas e Maria! <sup>2</sup>  
 Quanto de linda é Maria  
 ‘como a Maria é linda!’

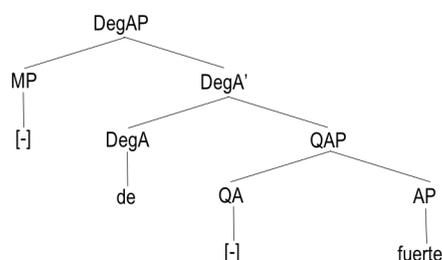
(Romeno)

b. Maria e enorm **de** fericit  
 Maria é enorme de feliz  
 ‘a Maria está extremamente feliz’

c. scurt **de** repede, enorm **de** cald  
 ‘pouco rápido’, ‘muito quente’

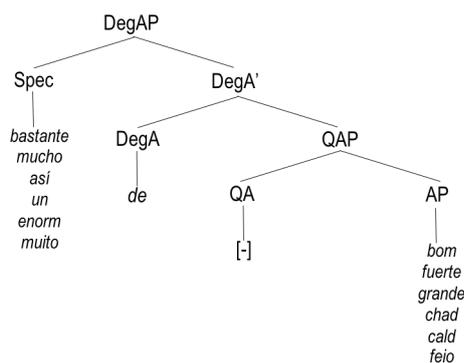
Todas estas construções revelam o papel de **de** como ligação entre um predicado adjectival e uma expressão quantificada, sendo a hipótese da sua inserção em DegA° naturalmente privilegiada. Eis a seguir uma representação de “**de fuerte**” em (40.f):

44



Nestas construções, aparece **de** como *spell-out* de DegA°, a permitir a inserção eventual de um especificador com interpretação não absoluta ou relativa, como em *bastante de bom, mucho de fuerte, así de grande, un de chaud, enorm de cald, muito de feio*:

45



<sup>2</sup> Este exemplo é de Grosu (1974).

Nesta configuração (algo forçada em Português), a ordem final explica-se pelo facto do adjectivo não subir na estrutura até AgrAP, já que não tem traços morfológicos a verificar (\* *a blogosfera tem bastante de boa*, \* *a situação tem muito de feia*), sendo o seu lugar de poiso limitado à sua posição básica. O adjectivo não sobe para verificar a medição em DegA° nem a sua morfologia em AgrA°, o que origina sequências como em  *muito de feio*. Podemos conjecturar que uma expressão quantificada não absoluta, como *mucho, bastante, así, enorm*, pode ser inserida em [Spec,DegAP], posição habitualmente reservada para MP absolutos, quando o núcleo DegA° está já preenchido por “de”, sendo que o movimento do predicado adjectival fica então bloqueado, sem acesso à medição e à concordância. Estas expressões são seleccionadas como argumento interno por *verbos leves* ou existenciais como “ter” ou “haver”, originando sequências como “ter bastante de bom”, “haver muito de bonito”. Trata-se de uma questão a investigar.

## 6. Síntese

Em síntese, *nas construções de MP adjectival absoluto*, o adjectivo desloca-se primeiro para a posição DegA°, onde *compõe morfológicamente* com o item funcional *de*, e depois para o núcleo funcional AgrA°, acima da posição da expressão de medição absoluta. Como existe motivação independente para confirmar que a posição dessa expressão é [Spec,DegAP], faz sentido considerar que *de* é um ‘spell-out’ possível de DegA°. Confirma-se, assim, que *de* não é uma preposição canónica mas antes uma partícula de ligação cuja única função é permitir a projecção de DegAP, de forma a poder inserir na derivação, em construções não comparativas, o MP absoluto.

Os dados resultantes da inserção de *de* em [Núcleo,DegAP] podem ser cruzados com expressões adjectivais em que a mesma posição é preenchida por outros ‘spell-outs’ de DegA. Observa-se, na generalidade, um fenómeno de distribuição complementar entre essas variantes, confirmando a vocação de todas para ocupar a posição DegA°. Em (46), a posição [Núcleo,DegAP] é ocupada pelas três variantes possíveis em Português: sufixo do superlativo sintético, quantificador adjectival, “linker” *de*. Em (47), observa-se que as frases geram sistematicamente agramaticalidade se vários ‘spell-outs’ co-ocorrerem — presumivelmente, na mesma posição. O facto de estas expressões adjectivais serem fortemente degradadas deve ser associado, em nosso entender, às restrições sobre a estrutura do sistema funcional do adjectivo, que, em (47), não são respeitadas:

### Spell-outs de DegA° em Português

- |      |  |  |
|------|--|--|
| (46) | a. O João é alt- <b>íssim</b> -o<br>b. O João é <b>muíto</b> alto<br>c. O João é alto <b>de</b> 2m   | (superlativo sintético)<br>(quantificador adjectival)<br>("linker" <b>de</b> ) |
| (47) | a. * O João é <b>muíto</b> alt- <b>íssim</b> -o<br>b. * O João é <b>muíto</b> alto <b>de</b> 2m<br>c. * O João é alt- <b>íssim</b> -o <b>de</b> 2m |  |

Uma variação paramétrica das expressões de medição adjectivais pode, pois, ser formulada, com base no facto de a posição [Núcleo,DegAP] ser ou não vazia nas *construções de MP adjectival absoluto* — a formulação de um parâmetro para os MPs diferenciais é irrelevante na medida em que, em todas as línguas analisadas, um MP diferencial só pode ser inserido numa construção adjectival comparativa:

(48) Parâmetro do MP absoluto:

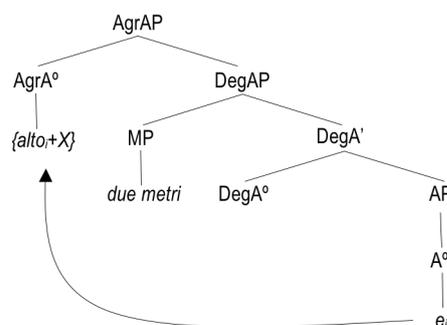
- (i) **Línguas germânicas**: quando a posição [Spec,DegAP] é preenchida com um MP absoluto, a posição [Núcleo,DegAP] é vazia
- (ii) **Línguas românicas**: quando a posição [Spec,DegAP] é preenchida com um MP absoluto, a posição [Núcleo,DegAP] é preenchida com **de**

Segundo (48), **de** é uma realização fonética do núcleo funcional DegA° quando um MP absoluto ocupa a posição [Spec,DegAP]. Se, como tudo indica, o adjetivo incorpora com **de** na sua subida para AgrA°, justifica-se assim a sequência final **alto de dois metros**.

O parâmetro em (48) mostra como essa variação afecta as expressões adjectivais de medição, havendo línguas em que o núcleo funcional de medição é nulo (**2 m tall**) e outras em que tem que ser preenchido (**alto de 2 m**). O parâmetro em (48) não afecta, contudo, as construções adjectivais sem expressões de medição ou com expressão de medição diferencial. Na ausência de MP absoluto, o núcleo DegA° não é ocupado por **de**, podendo contudo sê-lo por outros *spell-outs*, como o superlativo sintético (**fastest, altíssimo**) ou formas autónomas, como **muito (muito alto)** ou **very (very fast)**. Sendo assim, aos vários *spell-outs* de DegA° deve ser acrescentada uma forma foneticamente nula, exclusiva das línguas germânicas e escandinavas. Finalmente, no caso de um MP diferencial, é o núcleo QA° que deve ser lexicalmente preenchido, passando a expressão adjectival para a forma comparativa.

Ao contrário do que acontece nas outras línguas românicas, em Italiano nenhuma preposição é inserida na posição [Núcleo,DegAP] em construções de MP adjectival absoluto. Vejamos o exemplo seguinte e o seu indicador sintagmático:

- (49) a. L'uomo era alto [MP due metri] (Italiano)  
b.



Segundo este indicador, é possível descrever a sintaxe das construções de medição adjectivais em Italiano com base em (48): da mesma forma que para as outras línguas românicas, e provavelmente pelas mesmas razões, o adjetivo **alto** sobe até [Núcleo,AgrAP]. Não havendo nenhum morfema DegA explícito em Italiano nestas construções, a sequência final, obtida por *Composição morfológica*, reduz-se a {A+AgrA} como é representado em (49.b). O Italiano aparece, nesse caso, como uma língua intermédia relativamente ao parâmetro em (48), já que verifica a ordem românica {A/MP} sem contudo inserir nenhum *linker* em DegA°. A variante foneticamente nula do *linker* em DegA, que considerámos para as línguas germânicas, deve pois ser alargada ao Italiano.

## 7. Conclusão

A partir dos dados inicialmente apresentados, foi proposto que um MP absoluto é inserido na estrutura em [Spec, DegAP]. O problema é que esta configuração limita singularmente a ocorrência das expressões adjetivais quantificadas nas línguas românicas, já que, nessa hipótese, a inserção de um MP depende de dois factores: (i) que DegA° seja vazio; (ii) que QA° seja lexical, o que na prática limita a ocorrência de MPs às comparativas e exclui os MPs absolutos. A existência, nas Línguas germânicas, de construções de MP absoluto com DegA° e QA° ambos vazios, introduz assim uma assimetria indesejável. Por que razão, perguntávamos, é que o Português proíbe construções do tipo *\*dois metros alto*, embora aceite *alto de dois metros*, quando, por outro lado, estas duas construções têm, em rigor, um significado equivalente?

A resposta pode agora ser adiantada e consiste em dois argumentos: (i) a sequência *\* dois metros alto* é agramatical porque o adjectivo *alto* deve obrigatoriamente mover-se em sintaxe explícita para cima do MP *dois metros*; (ii) a sequência *alto de dois metros* não é vedada porque o núcleo de DegAP é preenchido pelo *linker de*. Este *linker* interno ao AP tem pois como exclusiva razão de ser nas Línguas românicas a projecção do núcleo funcional DegA°.

## BIBLIOGRAFIA

- Corver, N. (1991), “Evidence for DegP”, in *Proceedings of NELS 21*, University of Massachusetts, Amherst, pp. 33-47.
- Corver, N. (1997), “The Internal Syntax Of The Dutch Extended Adjectival Projection”, *Natural Language and Linguistic Theory* 15: 289-368, 1997 Kluwer Academic Publishers.
- Corver, N. (1997b), “Much-support as a Last Resort”, *Linguistic Inquiry*, 28, 119-164.
- Dikken, M. den. (1998), “Predicate Inversion in DP” , In: Alexiadou, A., C. Wilder eds. *Possessors, Predicates and Movement in the determiner Phrase*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Halle, M. & Marantz, A. (1993), “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection.” In *The View from Building 20*, eds. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge, 111-176.
- Halle, M. & Marantz, A. (1994), “Some key features of Distributed Morphology.” In MITWPL 21: *Papers on phonology and morphology*, eds. Andrew Carnie and Heidi Harley. MITWPL, Cambridge, 275-288.
- Martinho, F. (2007), *Sintaxe e Semântica dos Adjectivos Graduáveis em Português*, dissertação de Doutoramento, Universidade de Aveiro.